

# A capela da Confraria do Santíssimo Sacramento da Matriz de Viana do Castelo. Os artistas e o programa decorativo

*Paula Cristina Machado CARDONA*

Na margem direita do rio Lima, junto à foz, fixou-se uma comunidade marítima, constituída na sua essência por pescadores e mercadores. O posicionamento geográfico privilegiado desta Póvoa marítima e a existência de uma rede de comunicações terrestres e fluviais ajudavam a sustentar e fomentar a actividade mercantil. Um porto de mar permitia, por seu turno, o escoamento dos produtos agrícolas provenientes do interior que eram enviados para a Galiza e para o resto do país. Estes produtos agrícolas complementam-se com o pescado, o sal, a cerâmica e os tecidos, comercializados nas feiras de Ponte de Lima, Lindoso, Barcelos e Braga. A rede dos almocreves era extensa, chegava a Trás-os-Montes e a Castela. A esta comunidade marítima, conhecida por São Salvador do Adro, será outorgado o primeiro foral em 1258 por D. Afonso III.<sup>1</sup>

As rendas concedidas pelo monarca foram amplas e o município, por seu lado, estabeleceu um conjunto de receitas que vieram a permitir entre o século XIV e XVII levar a cabo um conjunto de obras públicas que estão na origem do redimensionamento do burgo e do seu crescimento urbano, como atesta no século XIV a fortificação da Vila. Constrói-se pontes, abre-se ruas e praças, acautela-se o abastecimento de água com a construção de inúmeros chafarizes e fontes públicas, faz-se obras portuárias de acostagem, constrói-se edifícios públicos como a Câmara e a cadeia, equipamentos destinados à cobrança de impostos, estruturas de defesa, açougues e mercados.

Do ponto de vista militar, a defesa da costa das incursões galegas e dos corsários torna-se premente. Viana era vulnerável pela sua vasta costa atlântica. A fortificação da vila nasce precisamente da necessidade de defesa.<sup>2</sup>

O vigor económico de Viana seiscentista atrai a fixação de comunidades estrangeiras. A vila torna-se um pólo de atracção para viajantes e peregrinos a caminho de Santiago de Compostela. O acolhimento era proporcionado por uma vasta rede de mosteiros, igrejas e capelas, que se define entre os séculos XVI e XVII. Para além da igreja de São Salvador do Adro, anterior a 1258, da colegiada da Matriz, iniciada em 1400, e do mosteiro de São Francisco do Monte, fundado em 1392, o panorama eclesiástico deixa-se inflamar pelo surto construtivo que caracterizou Viana nessas centúrias. A conjuntura era propícia e as oportunidades foram aproveitadas. Assim, fundam-se os mosteiros beneditinos Santa Ana, em 1510, São Bento, em 1545, e o mosteiro de Santa Cruz da ordem dominicana, em 1566. Na margem esquerda do Lima, constrói-se em 1561 a capela de São Lourenço e a de São Roque, na estrada de Monserrate. Em 1595, nas imediações desse local, construir-se-ia, mais tarde, a capela de Nossa Senhora da Agonia. A Santa Casa da Misericórdia activa,

<sup>1</sup> MOREIRA, Manuel António Fernandes – “Viana nas suas Origens – de Póvoa marítima a vila e sede do concelho” in *Estudos Regionais*, Boletim Cultural, n.º 12. Viana do Castelo: 1992, pp. 31-33.

<sup>2</sup> Idem, pp. 38-44

em Viana, desde o primeiro quartel do século XV, inicia por volta de 1582 as obras do hospital.

O mosteiro de Santo António dos Capuchos constrói-se em 1612. Entretanto, em 1621, uma nova paróquia, a segunda, é criada com a designação de Nossa Senhora de Monserrate; os Carmelitas Descalços fundam o seu mosteiro em 1625. Cinco anos mais tarde, em 1630, os Cónegos Regrantes de Santo Agostinho iniciam a construção do convento de São Teotónio. O convento das Recolhidas ou o Recolhimento de Santiago, administrado pela Misericórdia, é reedificado em 1663.

No século XVIII, estes templos passarão, na sua maioria, por distintas fases de remodelações arquitectónicas que se farão acompanhar no seu interior por programas decorativos muito marcados pela piedade barroca. O fervor devocional esteve na origem da construção de inúmeras capelas, sob a gestão das elites locais e das confrarias.

Todo este movimento que se desenvolve em paralelo com as construções das infra-estruturas municipais atrairá e acolherá artistas e artífices, de origens e formação diversa, cuja actividade se vê estimulada por uma abastada e diversificada clientela.

O presente artigo debruça-se especialmente sobre a confraria do Santíssimo Sacramento da Igreja Matriz de Viana do Castelo, os investimentos que esta direcciona para os programas ornamentais da sua capela, sacristia, capela-mor e os artistas que ao seu serviço, materializaram, no espaço da colegiada da Matriz de Viana, as suas necessidades, desejos e aspirações.

A nossa selecção considerou, sobretudo, os diferentes ciclos de encomenda de talha e pintura que constituem, para o núcleo estudado, um conjunto de obras únicas produzidas num período correspondente à segunda metade do século XVI até finais do século XIX.

## A Fundação da Matriz

A construção da Igreja Matriz de Viana do Castelo tem lugar no início do século XV e termina nos finais do mesmo século na vigência de D. Justo Baldino, bispo de Ceuta que funda em 1483 a colegiada com um arcepreste e cinco cónegos. Em 1538 o arcebispo de Braga, o infante D. Henrique, aumenta para 7 o número de cónegos.<sup>3</sup>

No século XVI iniciam-se as obras das capelas, por iniciativa das confrarias e das famílias mais prestigiadas do burgo, que adquirem e constróem no mesmo espaço as suas capelas funerárias. A este grupo haverá ainda que somar a Mitra Primacial e a Câmara. Sem descurar o papel desempenhado por todos estes agentes, caberá essencialmente às confrarias operar uma série de intervenções nos espaços ocupados pelas suas devoções.

## Capela da confraria do Santíssimo Sacramento

### *As encomendas e os artistas do último quartel do século XVI*

As capelas tinham uma utilização privada e corporativa e obedeciam a um esquema conceptual. As estruturas decorativas das capelas das confrarias eram obviamente distintas do coro, da nave da igreja e da capela-mor. Estavam dependentes, entre outras, de questões de área e dimensão e do cumprimento das normas definidas nas Constituições e sujeitas à fiscalização dos visitantes.

<sup>3</sup> GUERRA, Luís Figueiredo da – *Archivo Viannense, Estudos e Notas*. Viana do Castelo: 1895, Vol. I, p. 115.

A capela do Santíssimo Sacramento, localizada na cabeceira do lado da epístola, foi fundada em Novembro de 1540. A escritura de 1562 sobre a compra de um terreno por detrás da capela dos Fiéis de Deus, que confrontava com a capela-mor, marcará o início das obras da capela do Santíssimo Sacramento, terminando com a mudança do Santíssimo, então na capela-mor para este novo espaço em 1564.<sup>4</sup>

Referências à estrutura retabular da capela são expressas em 1572-1573. O douramento desta estrutura seria concretizada entre 1584-1585 pelo mestre pintor Francisco Padilha que, segundo o contrato que assina, se obriga a executar para o retábulo o painel de Cristo despedindo-se da Virgem e de Santa Maria Madalena, a Última Ceia e o Lava-pés. Este contrato incluía a pintura do sacrário e as figuras das colunas bem como os frisos da abóbada.<sup>5</sup>

Em 1591-1592, o retábulo é intervencionado, as despesas indicam-nos que a Baltazar Moreira foi encomendado um painel para o Santíssimo Sacramento. Este painel viria a ser pintado e dourado pelo pintor Padilha.<sup>6</sup> Refira-se que Baltazar Moreira aparece identifi-

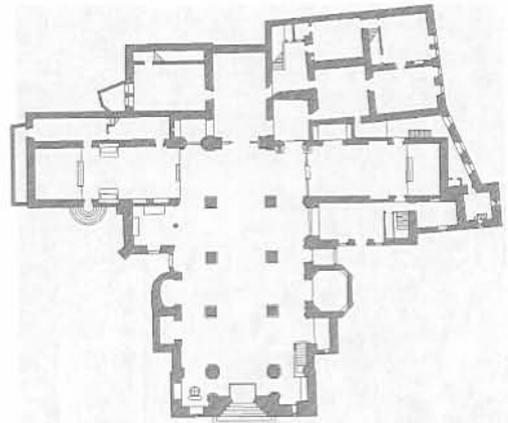


Figura 1 – Esquema da Igreja Matriz de Viana do Castelo. Capela do Santíssimo Sacramento

<sup>4</sup> Arquivo da Igreja Matriz de Viana do Castelo, Confraria do Santíssimo Sacramento, Livro Primeiro das Escrituras e outros Títulos.

Este documento relata que dentro da capela, junto às grades do denominado portal das colunas, existiam cinco campos: três a meio, uma de Martim da Rocha, que fora escrivão da Câmara, e as outras duas dos seus irmãos, João e Gomes da Rocha; as outras duas campos correspondiam: a do lado sul a Martim Barbosa e a do lado Norte a João Martins Rica Rego. A confraria do Santíssimo Sacramento considerava dois destes túmulos lhe pertenceria por serem contemporâneos da construção da capela construída a expensas suas.

<sup>5</sup> Arquivo cit., Confraria do Santíssimo Sacramento, Livro da Receita e Despesa 1571-1609, s/fls.

No fecho das contas correspondente ao período que mediou entre 1 de Junho de 1584 e 30 de Junho de 1585, o tesoureiro, Gonçalo Pereira do Lago e os mordomos Gonçalo Pereira da Rocha e Gaspar Tourinho, em conjunto com o escrivão Oliveiros da Rocha, registaram que da receita que ficou na confraria, na ordem dos 85.000 réis, deviam ser retirados 300 réis para pagar ao pintor Padilha. Esta afirmação será comprovada num documento solto, achado no livro da Receita e Despesa, entre os fólhos 103 e 104. Trata-se do contrato que assinaram precisamente os mordomos da confraria, Simão Fagundes e Leonardo de Alpuim, com o pintor Francisco Padilha, para a pintura e douramento do retábulo. Assim, refere o contrato da confraria que o referido pintor executaria para o painel do Evangelho a pintura de Cristo despedindo-se da Virgem e de Santa Maria Madalena; para a parte superior do Calvário a Última Ceia e no painel da Epístola o Lava-pés. Os outros painéis receberiam pinturas com temas a especificar pelos mordomos da confraria. O contrato refere que o valor do ajuste foi de 300 réis, quantia que aparece assinalada nas contas da confraria relativas a 1584-1585.

SERRÃO, Vítor – “A Pintura do Renascimento e do Maneirismo no Noroeste Português (1520-1620)” in *Do Tardogótico à Manierismo. Galicia e Portugal: As relações artísticas entre Galicia e Portugal*, ed. Fundación Pedro Barrié de la Maza, Fundación Calouste Gulbenkian, 1995, pp. 263-266. Vítor Serrão, atribui a André Padilha, actividade que documenta entre 1525 – 1561, a autoria das duas tabuas dos topos do respalde do arcaz da sacristia da confraria do Santíssimo Sacramento, que representam “Jesus Cristo despedindo-se da Virgem” e o Lava-pés”, proveniente, segundo o autor, do retábulo de Pêro Vaz de Caminha (1533-1534). Mas de facto a autoria destes painéis, aparece referido no contrato que Francisco Padilha, sobrinho de André Padilha, assinou com a confraria do Santíssimo Sacramento por volta de 1585. Este pintor foi estudado também pelo autor que situa a sua actividade entre 1559-1589. Francisco Padilha esteve ao serviço da Câmara de Viana do Castelo e terá pintado três retábulos da Misericórdia de Caminha.

<sup>6</sup> Arquivo cit., Confraria do Santíssimo Sacramento, Livro da Receita e Despesa 1571-1609, fls. 301 – 334



1 – Cristo despedindo-se da Virgem e de St.ª M.ª Madalena



2 – Lava-pés. Sacristia

cado como o autor do retábulo da igreja da Misericórdia, mandado executar em 1573, volta a ser chamado por esta instituição para executar a obra da nova sacristia em 1579. Em 1596, fará o retábulo da igreja do mosteiro de São Bento.

O retábulo será consertado, pintado e dourado em 1594-1595, data que corresponde à encomenda das cortinas em tafetá carmim executadas pelo alfaiate Jerónimo Cardoso, segundo o feitto do alfaiate António Maciel.<sup>7</sup>

#### As encomendas da capela – Século XVI

Data	Tipo de obra	Oficiais	Ofício	Proveniência
1584-1585	Pintura e douramento do retábulo da capela	Francisco Pandilha	Mestre Pintor	Viana do Castelo
1591-1592	Execução de um painel para o retábulo	Baltazar Moreira	Mestre Carpinteiro	Viana do Castelo
1594-1595	Encomenda de cortinas de tafetá carmim para o retábulo	Jerónimo Cardoso António Maciel	Mestre Alfaiate Mestre Alfaiate	Viana do Castelo

#### As obras do século XVII

As obras que arrancam no alvor do século XVII estão directamente relacionadas com a encomenda de umas grades de ferro para a capela da confraria. Obra executada em 1600, pelo armeiro de Vila Nova de Cerveira, Francisco Gomes.

<sup>7</sup> Idem, *ibidem*.

Nesta obra intervieram o mestre pedreiro vianense António Pires, provavelmente António Pires o Velho, nomeado pela Câmara de Viana, em 1620, como perito para acompanhar as obras de alvenaria e carpintaria da igreja Matriz, e o pintor Bento Padilha que as pintou e dourou.<sup>8</sup>

A estrutura retabular da capela é intervencionada em 1646 pelo entalhador e carpinteiro vianenses, Peratudo e Manuel Gonçalves. A encomenda da pintura e o douramento do retábulo será feita em 1659 ao mestre pintor dourador local Francisco Fernandes Pinto.<sup>9</sup>

Em 1669 é chamado para a execução de uma nova tribuna o imaginário João Lopes Caminha. Este imaginário foi contratado em 1680 pela confraria do Espírito Santo para executar o novo sacrário da capela da referida confraria.<sup>10</sup>

### As encomendas da capela – Século XVII

Data	Tipo de obra	Oficiais	Ofício	Proveniência
1600	Execução das grades de ferro para a capela	Francisco Gomes António Pires Bento Padilha	Armeiro Pedreiro Pintor	Vila Nova de Cerveira Viana do Castelo
1646	Intervenção no retábulo	Peratudo Manuel Gonçalves	Entalhador Carpinteiro	Viana do Castelo
1659	Pintura e douramento do retábulo	Francisco Fernandes Pinto	Pintor/dourador	Viana do Castelo
1669	Execução da nova tribuna	João Lopes Caminha	Imaginário	

### As obras do século XVIII

Para a capela, a confraria encomendária, em 1719, dois anjos tocheiros, pintados pelo mestre pintor Francisco Rodrigues.<sup>11</sup> Este pintor executou em 1718, em parceria com o pintor André Cardoso, a pintura e douramento do retábulo da capela do Espírito Santo. Em 1720, ao serviço da Misericórdia de Viana, pintaria o “grotesco” do zimbório, o altar-mor e os panos da porta.

O retábulo existente na capela da confraria foi executado em 1743-1744 pelo mestre entalhador local António Rodrigues Pereira. A obra do tecto da capela, em talha, estava

<sup>8</sup> Arquivo cit., Confraria do Santíssimo Sacramento, Livro da Receita e Despesa, 1571 – 1609, fls. 400 – 415v.. Documenta-se a actividade de Bento Padilha na Misericórdia de Viana do Castelo desde 1588 até 1593. SERRÃO, Vítor – “A Pintura do Renascimento e do Maneirismo no Noroeste Português...”, ob. cit., pp. 263-266.

<sup>9</sup> Arquivo cit., Confraria do Santíssimo Sacramento, Livro da Receita e Despesa 1626-1649, fls. 135 – 181v. O entalhador Peratudo e o carpinteiro Manuel Gonçalves foram contratados pela confraria do Espírito Santo, em 1645, para proceder a acrescentos no seu retábulo. O retábulo do Espírito Santo foi também ele pintado e dourado pelo mestre pintor dourador local Francisco Fernandes Pinto.

Documenta-se a actividade do entalhador Peratudo, também referido como imaginário ao serviço da confraria do Espírito Santo, entre 1651-1657. Trabalhou para a confraria dos Mareantes entre 1652 – 1656. O carpinteiro Manuel Gonçalves esteve ao serviço da confraria do Espírito Santo da Matriz entre 1645-1691. Da sua actividade destacamos o acrescento das grades da capela daquela confraria em 1677 e a sua participação nas obras da torre da sacristia, em 1690-1691. Foi contratado pela confraria de São Nicolau para assentar, em 1639, o retábulo da sua capela.

<sup>10</sup> Arquivo cit., Confraria do Santíssimo Sacramento, Livro da Receita e Despesa, 1699 – 1732, fls. 1 – 34

<sup>11</sup> Arquivo cit., Confraria do Santíssimo Sacramento, Livro da Receita e Despesa, 1699 – 1732, fls. 180 – 204v.



3 – Capela do S. Sacramento



4 – Retábulo da capela do S. Sacramento



5 – Pormenor do remate do tecto da capela do S. Sacramento

integrada no contrato assinado com António Rodrigues Pereira. Estas obras estariam concluídas em 1747, porquanto despendem, nesse ano, 800 réis com o arcipreste João Monteiro da França por ter benzido o altar e o sacrário.<sup>12</sup>

António Rodrigues Pereira foi o autor do retábulo e tribuna da capela-mor da igreja da freguesia de Areosa executado em 1745; executou, em 1747, todo o madeiramento da igreja do Espírito Santo da vila dos Arcos de Valdevez; em 1755 está a trabalhar no forro da capela de Nossa Senhora do Carmo da extinta igreja paroquial de Nossa Senhora de Monserrate em Viana do Castelo; apresenta, entre 1759-1760, o lance para a obra do retábulo da capela da confraria de Nossa Senhora do Rosário da igreja do mosteiro de São Domingos de Viana do Castelo, entregue ao bracarense José Álvares de Araújo.

Os pintores douradores Manuel José de Gouveia de Viana e Francisco Machado de Barcelos adjudicariam, em 1752, a obra de pintura e douramento do retábulo da capela do Santíssimo Sacramento. A escritura de ajuste incluía também as pinturas do arco e grades da capela bem como as três portadas.

Manuel José de Gouveia e Francisco Machado adjudicarão, em 1753, a pintura e douramento do retábulo da confraria das Almas da Matriz de Viana. Esta dupla de mestres pintores/douradores executará, em 1754, a pintura e douramento do retábulo e tribuna da igreja do recolhimento de Santiago e em 1759 estão ao serviço da confraria de São Miguel Arcanjo da Matriz de Viana para pintar e dourar o retábulo da sua capela.

#### As encomendas da capela – Século XVIII

Data	Tipo de obra	Oficiais	Ofício	Proveniência
1719	Pintura e douramento dos Anjos tocheiros	Francisco Rodrigues	Pintor/dourador	
1743-1744	Execução do novo retábulo	António Rodrigues Pereira	Entalhador	Viana do Castelo
1752	Pintura e douramento do retábulo	Manuel José de Gouveia Francisco Machado	Pintores /douradores	Viana do Castelo Barcelos

<sup>12</sup> Arquivo cit., Confraria do Santíssimo Sacramento, Livro dos Acórdãos, 1718 – 1802, fls.41 – 42; 52 – 52v; 53v. – 54v.

A 24 de Janeiro de 1806 a Mesa da confraria do Santíssimo Sacramento reúne de emergência, na sequência do fogo que havia assolado a igreja quatro dias antes, a acta desta reunião permite-nos confirmar que o incêndio não terá afectado a capela, entretanto fechada para se proceder a limpezas e pequenos reparos.

Na década de 30 do século XIX, os relatos que os documentos da confraria traduzem sobre o estado da igreja Matriz, são bem elucidativos da decadência do templo. A confraria tomará a iniciativa de identificar os meios necessários para prosseguir com a reconstrução da igreja, decisão apoiada pelas restantes confrarias e pelos devotos. A confraria do Santíssimo Sacramento e todas as outras confrarias que se haviam mudado para a igreja da Misericórdia em 1806 (excepto a confraria do Santo Nome de Jesus dos Mareantes), regressam à Matriz no dia 24 de Junho de 1832, precisamente no dia da festa do Santíssimo Sacramento, com grande pompa e em cortejo processional.<sup>13</sup>

### A sacristia

As obras da sacristia iniciam em 1588. O mestre pedreiro relacionado com parte desta obra e designado como “oficial de fino”, foi Jerónimo da Lomba que trabalhará em parceria com o mestre pedreiro Gaspar Pires, ambos da freguesia de Afife de Viana do Castelo. Para este espaço, terá sido encomendado em 1596 um retábulo.<sup>14</sup>

Em 1640 dá-se início às obras de ampliação da sacristia. A confraria adquire, em Junho desse mesmo ano, umas casas sobradas, propriedade de Francisco Rodrigues ausente no Brasil e de sua mulher Genebra de Araújo, que como sua procuradora, consumará a venda ao tesoureiro da confraria, Gaspar Caminha do Rego, fidalgo da casa real. Estas casas, sitas por detrás da igreja e por isso contíguas à sacristia, foram vendidas por 110.000 réis.<sup>15</sup> A descarga da despesa de 1640-1641 refere que as casas “custarão acabadas e consertadas como consta da conta que esta junto a escritura 211.580 reis pera o que os mordomos paçados deicharão 100.000 reis [...]”<sup>16</sup>

Os oficiais da confraria deliberaram, em 1724 para “ornato, utilidade e conservação da fábrica da confraria”, mandar fazer um arcaz em pau-preto com ferragens de latão dourado com respalde em talha e quadros colocados lateralmente, com um crucifixo ao centro. Decidem também mandar executar dois guarda-roupas, um destinado à sacristia em pau-preto com ferragens de latão dourado para os paramentos comuns, sobrepelizes e depósito do cálice e outro na denominada “primeira casa”, feito em madeira de castanho, para acondicionamento de toda fábrica de prata.<sup>17</sup>

O arcaz foi encomendado ao mestre entalhador Luís Barbosa. Este entalhador, referido também como torneiro, natural de Ponte de Lima, trabalhou para a confraria do Espírito Santo da Matriz de Viana, assentando, em 1718, as grades em pau-preto da capela daquela confraria; em 1720 está a intervir na tribuna do retábulo da capela da mesma confraria e em 1724-1725, em sociedade com o escultor Pedro Salgado, executa a obra de adaptação

<sup>13</sup> Arquivo cit., Confraria do Santíssimo Sacramento, Livro dos Acórdãos, Livro dos Acórdãos, 1803 – 1879, fls.59v. – 60

<sup>14</sup> Arquivo cit., Confraria do Santíssimo Sacramento, Livro da Receita e Despesa 1571-1609, fls. 200-248; 337-397v.

<sup>15</sup> Arquivo cit., Confraria do Santíssimo Sacramento, Livro Primeiro das Escritura e outros Titulos, fls. 10-12v.; 15-16.

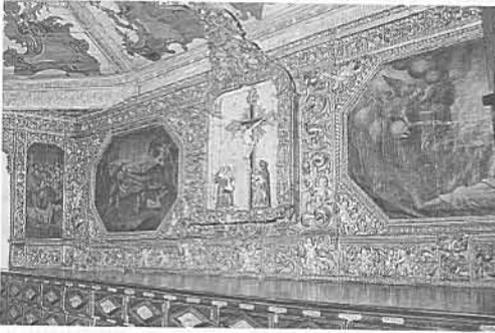
<sup>16</sup> Arquivo cit., Confraria do Santíssimo Sacramento, Livro da Receita e Despesa 1626-1649, fls. 104-124v.

<sup>17</sup> Arquivo cit., Confraria do Santíssimo Sacramento, Livro dos Acórdãos 1718-1802, fl. 8v.

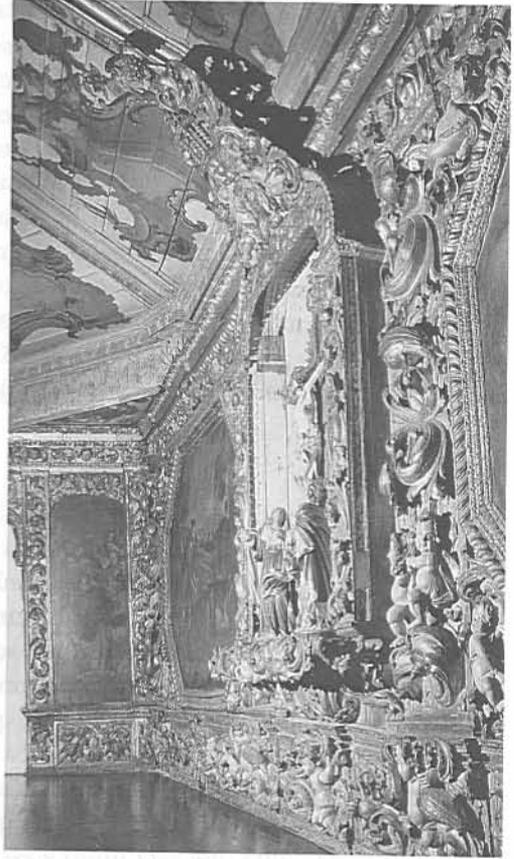
da tribuna da capela-mor da igreja Matriz vianense, ao serviço da confraria do Santíssimo Sacramento.

As ferragens de latão dourado, destinadas ao arcaz, foram encomendadas no Porto e executadas pelo mestre latoeiro, Manuel dos Santos. O douramento foi da autoria do mestre José Fernandes.

O respalde de talha destinado a este equipamento foi adjudicado ao mestre entalhador Pedro Salgado natural de Vila-Nova de Famalicão. Este entalhador executará, em 1721, as caixas do órgão da igreja da Misericórdia de Viana do Castelo, segundo o risco de Manuel Pinto Vilalobos.



6 – Respalde da sacristia



7 – Pormenor do nicho central  
Respalde da sacristia

A ladear o nicho central do respalde, foram colocados dois painéis, representando Sanção e Elias, obra da autoria do pintor André Cardoso. Este pintor reformou também as duas telas, de Francisco Pandilha. André Cardoso dourará o resplendor do nicho central que receberia um crucifixo, obra da autoria do mestre entalhador Luís Barbosa. Os engastes da cruz, resplendor, título e cravos, executados em prata, são obra do ourives Rodrigo da Silva.

No guarda-roupa, em pau-preto, embutido na parede, trabalhou o mestre pedreiro Jerónimo de Oliveira. O feitura do móvel deveu-se aos mestres carpinteiros Manuel da Rocha e



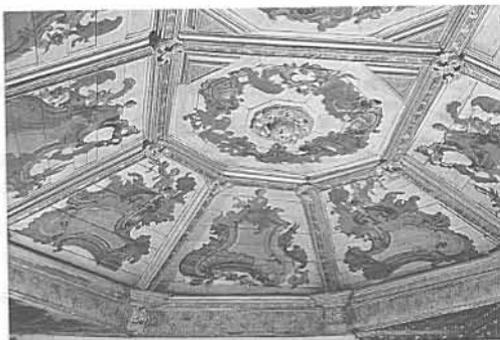
8 – Painel representando Sanção.  
Respalde da sacristia



9 – Painel representando Elias.

Luís da Rocha. André Cardoso executou a pintura do interior do guarda-roupa.<sup>18</sup>

O pintor vianense Manuel José de Gouveia executará, em 1757, a pintura do forro do tecto da sacristia e a do oratório desse mesmo espaço, incluindo o estofa da imagem da Senhora.<sup>19</sup>



10 – Forro do tecto da sacristia

## A capela-mor

A capela-mor da igreja Matriz de Viana do Castelo pertencia à Mitra Primacial de Braga sendo por isso obrigada à sua fábrica. Esta tutela não impedia que a confraria do Santíssimo Sacramento tivesse uma forte ingerência no espaço, ora pressionando a Mitra para a conclusão das obras a que era obrigada, ora gerindo directamente a tribuna e camarim do retábulo-mor e até encomendando equipamentos e artefactos decorativos, destinados às festas e cerimónias solenes.

As despesas da confraria correspondentes a 1694 assinalam que, para a execução da tribuna da nova capela-mor, estavam a ser arrecadadas as esmolos dos devotos e dos Mesários.

As obras de ampliação da capela-mor, da responsabilidade da Mitra bracarense, estavam estruturalmente concluídas em 1696 (isto é: alvenaria, madeiramentos, painéis e forros). Para a sua conclusão era necessário proceder à colocação do revestimento azulejar e do retábulo. Quanto ao azulejo, o administrador das obras, José Fernandes Braga, concretizará a encomenda na Holanda, em Amesterdão.

Estas obras estariam ainda por concluir em 1705. A sua interrupção deveu-se à morte do arcebispo D. João de Sousa Meneses.<sup>20</sup>

O retábulo e tribuna seriam executados, por iniciativa da confraria, em 1707. Estas estruturas foram adjudicadas ao mestre entalhador Francisco Gonçalves da Silva.<sup>21</sup> O douramento do retábulo foi concretizado em 1721. O contrato da obra foi celebrado entre a Mitra e o pintor vianense Manuel Cardoso do Vale. Este documento esclarece que o mestre pintor douraria toda a máquina retabular excepto a tribuna por pertencer à confraria. Esta será dourada no mesmo ano, pelo mesmo mestre pintor/dourador.<sup>22</sup>

No século XIX e após o incêndio de 1806 que atingiu a capela-mor, as acções da confraria vão centrar-se na recuperação deste espaço. A actual estrutura retabular patente na capela-mor, terá sido provavelmente executada entre 1835 e 1838. Precisamente em Junho de 1838, a Mesa decide proceder à reparação da tribuna do retábulo-mor, entretanto danificada pela humidade. O douramento da estrutura retabular é executado no ano seguinte, um termo de Mesa da confraria do Espírito Santo, datado de quatro de Janeiro de 1839, refere que “como hia ser dourado o retábulo da capella mor, não se poderia este anno fazer-se nella o calvário [...]”.<sup>23</sup>

<sup>18</sup> Arquivo cit., Confraria do Santíssimo Sacramento, Livro da Receita e Despesa 1699-1732, fls. 237-240v.

<sup>19</sup> Arquivo cit., Confraria do Santíssimo Sacramento, Livro da Receita e Despesa 1730-1779, fls. 155v. – 188v.

<sup>20</sup> Arquivo cit., Confraria do Santíssimo Sacramento, Livro da Receita e Despesa 1651-1699, fls. 157 – 161

<sup>21</sup> Arquivo cit., Confraria do Santíssimo Sacramento, Livro da Receita e Despesa 1699-1732, fls. 59 – 87v.

<sup>22</sup> Arquivo Distrital de Viana do Castelo, Livro de Notas, Tabelaio: CIDELO, Estevão Gomes de, 5º Ofício, fls. 81v. -82

<sup>23</sup> Arquivo da Igreja Matriz de Viana do Castelo, Confraria do Santíssimo Sacramento, Livro dos Acórdãos 1803-1879, fls.75 –75v. e Confraria do Espírito Santo, Livro dos Acórdãos 1777 – 1891, fl. 119v.

A sanefa do arco-cruzeiro foi também encomendada pela confraria e estava a ser executada em 1864. Seria dourada em 1867.<sup>24</sup>

Os púlpitos da igreja terão sido mandados executar e colocados pela confraria, na altura das obras de recuperação da Matriz, as varandas e balcões destes equipamentos e toda a obra de talha, incluindo as sanefas que encimam estas estruturas, foram executados em 1857-1858, pintadas e douradas em 1859.

A confraria detinha igualmente a posse do coro por ter sido fabricado a expensas suas nos finais da década de 50 do século XIX.<sup>25</sup>

Conclui-se, com base nesta documentação, que grande parte do estímulo gerado, desde o século XVI até ao século XIX, em matéria de dinâmicas construtivas na igreja paroquial de Santa Maria Maior, se deveu à confraria do Santíssimo Sacramento.

Esta corporação laical aparece assim, por comparação com as restantes da Matriz de Viana, uma das mais prestigiadas, não só pelo perfil social dos seus membros, a elite da vila ou pelos avultados rendimentos que detinha, mas também pelo facto de ser responsável pela gestão do espaço mais importante da igreja, a capela-mor. Configurando-se como agente das encomendas artísticas, a confraria do Santíssimo Sacramento, terá ajudado a incrementar a acção das oficinas e a actividade dos artistas e oficiais não só locais mas também dos núcleos urbanos de proximidade.



11 – Retábulo da capela-mor



12 – Sanefa do arco-cruzeiro



13 – Grades do púlpito da nave do lado da Epístola



14 – Grades do coro

<sup>24</sup> Arquivo cit., Confraria do Santíssimo Sacramento, Livro dos Acórdãos 1803-1879, fls. 208; 230-231v.

<sup>25</sup> Arquivo cit., Confraria do Santíssimo Sacramento, Livro dos Acórdãos 1721-1863, fls.310v.-313.